**UNIVERSITÁRIOS NO CONTEXTO DA COVID-19: PERFIL, COMPORTAMENTOS E ATIVIDADES ACADÊMICAS**

**RESUMO**

Objetivo: descrever o perfil sociodemográfico, as atividades acadêmicas e os comportamentos de estudantes universitários no contexto da pandemia de COVID-19. Método: é um estudo transversal, descritivo, quantitativo e foi recortado do projeto guarda-chuva: “Saúde mental em tempos de pandemia de COVID-19”. Os dados foram coletados entre 4 de agosto a 12 de setembro de 2020. Resultados: de 536 estudantes da disciplina, 464 participaram. Desses, 53,45% estavam em isolamento e distanciamento social, 40,73% tiveram piora da situação financeira, 66,59% buscaram apoio familiar e 85,96% acompanharam atividades a distância. Este estudo tem como limitação o fato de ser descritivo. Conclusão: o distanciamento e o isolamento social foram fundamentais para o controle da infecção pela COVID-19, porém apresentaram fatores negativos, como piora da situação financeira, e positivo, a adaptação às novas abordagens para a continuidade das aulas remotas. A contribuição do presente é colaborar com os estudos da temática da pandemia de COVID-19.

**DESCRITORES:** Educação Superior; Estudantes; Pandemias; COVID-19.

**INTRODUÇÃO**

A pandemia de COVID-19 gerou uma reorganização para atender a demanda causada pelas implicações do acontecimento que assola a população mundial. Não somente nos serviços de saúde, mas também nas atividades da vida cotidiana de inúmeras pessoas. Nessa reorganização, incluem-se as estratégias de enfrentamento de escolas e universidades, as quais tiveram que adaptar seu formato de ensino, antes presencial para o atual remoto1. Isso ocasionou, no ambiente universitário, uma sequência de episódios que se refletiram na saúde física e mental. Muitos tiveram que lidar com questões relativas à infecção da COVID-19, além de mudanças em seu estilo de vida pessoal, nos contextos familiar, econômico, social e, finalmente, acadêmico para dar seguimento a seus projetos de vida2. Para muitos, a pandemia foi um momento decisivo, pois dividiu opiniões e mostrou-se desafiador a todos.

Um tema discutido neste contexto é o ensino a distância, que se mostrou uma estratégia emergencial para garantir a continuidade das atividades acadêmicas em tempos de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Essa mudança de paradigma, a migração do modo de ensino presencial para o remoto (síncrono/assíncrono), tornou o universo acadêmico um espaço de re(construção) para a modalidade de ensino à distância, o que exigiu flexibilidade por parte de docentes e discentes para o desenvolvimento deste processo de aprendizagem e envolvimento através da colaboração e interação3.

Estudos4,5 demonstram que esta modalidade de ensino se mostrou promissora, desde que os estudantes tenham assegurado o acesso à internet e a dispositivos móveis  para que, com isso, possam acompanhar as atividades de forma remota em seus domicílios.

Além de dados sobre o ensino a distância, observou-se que os estudos6 se focam na infecção pela COVID-19, nas formas de prevenção e no tratamento. Contudo, outras questões importantes – como mudanças na renda e respeito ao distanciamento/isolamento social, que impactam a saúde mental das pessoas afetadas pela pandemia – não foram abordadas nas pesquisas que enfocam os estudantes universitários.

Diversos estudantes tiveram, em virtude da pandemia de COVID-19, mudanças significativas em suas capacidades de engajamento e aprendizagem. Isso levou a consequências como falta de acompanhamento e rendimento nas atividades de ensino. O estresse cotidiano impulsionado pela necessidade de isolamento social e a consequente ausência de contato com pessoas geraram sentimentos negativos nesses estudantes. Um ponto relevante é a questão das condições materiais, as quais repercutiram no acompanhamento das atividades. Isso e os recursos e o espaço físico foram os maiores dificultadores dos estudantes no ensino remoto7.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é descrever o perfil sociodemográfico, as atividades acadêmicas e os comportamentos de estudantes universitários no contexto da pandemia de COVID-19. Estudos voltados para essa população se justificam, pois os universitários em breve estarão compondo o mercado de trabalho e poderão apresentar sequelas como, por exemplo, adoecimentos físicos e mentais que podem gerar impacto na saúde pública.

**MÉTODO**

O presente estudo trata-se de um recorte do projeto guarda-chuva intitulado “Saúde mental em tempos de pandemia de COVID-19”, de cuja equipe os autores fazem parte.

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, quantitativo. Os dados foram coletados de 4 de agosto a 12 de setembro de 2020, através de um censo entre estudantes que frequentaram a disciplina optativa de Saúde mental em emergências humanitárias, ofertada pela Universidade Federal de Pelotas, durante a pandemia de COVID-19, no semestre alternativo, em 2020.

Todos os 536 estudantes que frequentaram a disciplina até o final foram recrutados via e-mail e receberam eletronicamente o consentimento livre e esclarecido via formulário Google forms, manifestando seu interesse em participar da pesquisa através do preenchimento do mesmo. Em seguida, os estudantes receberam o questionário eletrônico da pesquisa, também por e-mail. Responderam ao questionário 464 estudantes, configurando uma taxa de resposta de 86%.

O critério de inclusão dos participantes no estudo foi frequentar a disciplina até o final e o critério de exclusão foi a desistência ou o trancamento da disciplina por parte do estudante.

A pesquisa utilizou-se de um questionário online autoaplicado que, após respondido, foi devidamente codificado e migrado para o software EpiData. Logo foi feita a limpeza dos dados com correção de erros de amplitude e consistência. Após foram exportados para o software SPSS 25.0, no qual foram realizadas as análises estatísticas.

O controle de qualidade se deu através da checagem das questões com relação ao preenchimento do questionário e, três vezes na semana, foi realizado o backup dos questionários disponíveis no sistema. Os dados foram analisados utilizando a estatística descritiva.

O questionário foi elaborado pelo grupo de pesquisa e testado previamente com um grupo de estudantes que não integraram o estudo. As variáveis utilizadas para este artigo foram as relacionadas a características sociodemográficas como sexo, etnia, idade, estado civil, renda familiar e curso de graduação. As variáveis relacionadas ao ensino remoto foram oferta de disciplinas/cursos na modalidade remota, dificuldades de acompanhamento dos estudantes e contribuições.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas através do Parecer 4.186.982, de 1 de agosto de 2020. Foram garantidos o sigilo e o anonimato dos participantes, visto que, ao migrar para o banco de dados, os questionários passam a ser identificados através de uma codificação. Os dados seguem armazenados na universidade por cinco anos.

**RESULTADOS**

Através da Tabela 1, é possível identificar o perfil sociodemográfico (gênero, etnia, idade, renda familiar, estado civil e curso) dos estudantes universitários participantes desta pesquisa:

**Tabela 1 -** Perfil dos estudantes que participaram da pesquisa intitulada “Saúde mental em tempos de pandemia de COVID-19”. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 2021

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | **n** | **%** |
| **Sexo** |  |  |
| Feminino | 329 | 28.9 |
| Masculino | 134 | 71.0 |
|  Ignorado | 1 | 0.1 |
| **Etnia** |  |  |
| Branca | 355 | 76.5 |
| Parda ou mestiça | 35 | 15.3 |
| Preta | 71 | 7.5 |
|  Amarela | 3 | 0.7 |
| **Idade** |  |  |
| 18-24 anos | 352 | 76.0 |
| 25-29 anos | 69 | 14.9 |
| >30 anos | 42 | 9.0 |
| Ignorado | 1 | 0.1 |
| **Estado civil** |  |  |
| Sem companheiro | 412 | 88.8 |
| Com companheiro | 52  | 11.2 |
| **Renda familiar** |  |  |
|  Classe E | 131 | 28.2 |
| Classe D | 133 |  28.7 |
| Classe C | 112 | 24.2 |
| Classe B | 28 | 6.0 |
| Classe A | 5 | 1.0 |
| Ignorado | 55 | 11,9 |
| **Cursos** |  |  |
| Enfermagem | 76 | 16.4 |
| Medicina | 160 | 34.5 |
| Psicologia | 43 | 9.3 |
| Terapia Ocupacional | 15 | 3.2 |
| Odontologia | 36 | 7.8 |
| Letras | 11 | 2.4 |
| Pedagogia | 11 | 2.4 |
| Agronomia | 12 | 2.6 |
| Outros cursos  | 99 | 21,3 |
| Ignorado | 1 | 0,1 |

Dos estudantes universitários participantes desta pesquisa, 71,1% (n=329) eram do sexo feminino e 28,9% (n=134) do sexo masculino. A média de idade identificada pelo estudo foi de 23,4 (± 5,7) anos com variação entre 18 a 56 anos. Observou-se que 76,5% (n=355) foram autodeclarados brancos e 23,5% (n=109) não brancos. Constatou-se que 88% (n=412) dos participantes não possuem companheiros e 11,2% (n=52) possuem. Quanto à classe social, 28,2% (n=131) pertencem à E, com renda familiar de até 2 salários mínimos; 28,7% (n=101) à D, com renda familiar entre 2 e 4 salários mínimos; 24,1% (n=112) à C, com renda familiar de 4 a 10 salários mínimos, 6% (n=28) à B, com renda entre 10 a 20 salários mínimos e 1% (n=5) à A, com renda acima de 10 salários mínimos. A média de dependentes dessa renda é de 3,3% (± 1,3) pessoas.

Entre os estudantes da amostra, 34,6% (n=160) cursam Medicina, 16,4% (n=76) Enfermagem, 9,3% (n=43) Psicologia, 7,8% (n=36) Odontologia, 3,2% (n=15) Terapia Ocupacional, 2,6% Agronomia (n=12), 2,4% (n=11) Letras, 2,4% (n=11) Pedagogia e 21,3% outros cursos.

Quanto às áreas de conhecimento, 67% (n=310) pertencem à área da Saúde, 13,8% (n=64) à área de Ciências Humanas, 3,7% (n=17) à área de Ciências Agrárias, 3,5% (n=16) à área de Ciências Biológicas, 3,2% (n=15) à área das Ciências Exatas e da Terra, 3% (n=14) à área de Ciências Sociais Aplicadas, 2,8% (n=13) à área de Linguística, Letras e Artes, 2,6% (n=12) à área das Engenharias e 0,4% (n=2) à área do Turismo, Hospitalidade e Lazer. Em relação ao semestre, a média dos estudantes participantes do estudo foi de 4,7 (± 2,3) anos, com variação entre o 1° e o 10° semestre.

Os dados referentes à oferta de atividades durante a pandemia nas devidas unidades acadêmicas da universidade, aos motivos pelos quais não conseguiram acompanhar as atividades remota e ao aproveitamento das atividades remota no contexto da pandemia de COVID-19 são apresentados na Tabela 2 a seguir:

**Tabela 2** - Atividades ofertadas pelas Unidades Acadêmicas da Universidade. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 2021

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | **N** | **%** |
| **Oferta de Ensino a distância (EAD) oferecido pela unidade acadêmica** |  |  |
| Não, todas as atividades foram suspensas | 29 | 6.3 |
| Sim, e estou acompanhando | 37  | 79.0 |
|  Sim, mas não estou acompanhando | 68 | 14.7 |
| **Possíveis dificuldades na participação em atividades de ensino a distância (EAD)**  |  |  |
| Não se aplica | 3 | 0.6 |
| Não tenho/tinha recurso | 28 | 6.0 |
| Comecei a acompanhar, mas tive dificuldade | 24 | 5.2 |
| Tive que trabalhar ou ajudar em casa | 4 | 0.8 |
| Problemas de saúde família | 3 | 0.6 |
| Não consegui vaga | 3 | 0.6 |
| Não gostei da disciplina / não ofertaram disciplinas | 398 | 86,0 |
| Ignorado | 1 | 0,2 |
| **Contribuição da atividade a distância (EAD) no contexto da pandemia de COVID-19:** |  |  |
| Mais atrapalham que ajudam | 21 | 4.5 |
| Não atrapalham e nem ajudam | 99 | 21.5 |
| Mais ajudam que atrapalham | 340 | 74.0 |

Durante a pandemia, algumas unidades acadêmicas da universidade ofereceram atividades de ensino a distância (EAD). Quando perguntados sobre a oferta de seus cursos, 6,3% (n=29) relatam que, em sua unidade, todas as atividades foram suspensas; 93,7% (n= 435) afirmaram que houve oferta de atividades em suas unidades, sendo que desses 79% (n= 367) as acompanharam e 14,7% (n= 68) não as acompanharam.

Em relação aos motivos pelos quais não conseguiram acompanhar as atividades EAD, 6% (n=28) não tinham recursos; 5,2% (n= 24) afirmaram que começaram a acompanhar, mas tiveram dificuldades; 8,0% (n=4) tiveram que trabalhar ou ajudar em casa; 0,6% (n=3) tiveram problemas de saúde familiar; 0,6% (n=3) não conseguiram vaga para cursar e 86% (n= 398) relatam que não gostaram da disciplina e/ou a unidade não ofertou disciplinas.

Sobre o aproveitamento das atividades EAD no contexto da pandemia de COVID-19, 4,5% (n=21) concluíram que tais atividades mais atrapalham do que ajudam, 21,5% (n=99) afirmaram que não atrapalham nem ajudam e 74% (n= 340) avaliaram que mais ajudam do que atrapalham.

O comportamento desses estudantes universitários em relação às restrições impostas pela COVID-19, ao diagnóstico através de testagem para a COVID-19 ou familiares que faleceram em decorrência da COVID-19, à alteração da situação financeira e à necessidade de apoio familiar pode ser observado abaixo, na Tabela 3.

**Tabela 3** - Comportamento dos estudantes com relação à COVID-19. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, 2021

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
|  | **n** | **%** |
| **Aderiu às restrições de distanciamento e isolamento social quanto à COVID-19** |  |  |
|  Levei a vida normal | 1 | 0.2 |
| Só parei de ir à aula | 6 | 1.3 |
| Tomei os cuidados de distanciamento social | 167 | 36.0 |
| Fiquei em casa e saí quando necessário | 248 | 53.4 |
| Fiquei rigorosamente em casa | 42 | 9.1 |
| **Apresentou diagnóstico da COVID-19** |  |  |
| Não |  461 |  99.3  |
| Sim | 3 |  0.7  |
| **Falecimento de familiares em decorrência da COVID-19** |  |  |
| Não | 427 | 92.0 |
|  Sim | 37 | 8.0 |
| **Perda da fonte de renda durante a pandemia de COVID-19** |  |  |
| Não | 301 | 64.9 |
| Sim, eu perdi | 37 | 8.0 |
|  Sim, um membro da família perdeu | 126 | 27.1 |
| **Situação financeira da família durante a pandemia de COVID-19** |  |  |
| Melhorou | 11 | 2.4 |
|  Continuou igual | 264 | 56.9 |
|  Piorou | 189 | 40.7 |
| **Rede de apoio durante a pandemia de COVID-19** |  |  |
|  Ninguém | 26 | 5.6 |
|  Colega de curso | 6 | 1.3 |
|  Família  | 309 | 66.6 |
|  Amigos | 119 | 25.7 |
|  Conselho espiritual  | 4 | 0.8 |

Com relação especificamente às restrições impostas pela COVID-19, 53.4% (n=248) relataram que ficaram em casa, saindo somente quando necessário; 36% (n=167) tomaram os cuidados de distanciamento social, 9.1% (n=42) afirmaram que ficaram rigorosamente em casa, 6% (n=1.3) disseram que a única mudança na rotina foi que pararam de ir à aula e apenas 0.2% (n=1) afirmou que estava levando uma vida normal.

Entre os estudantes que responderam à pesquisa, 99.3% (n=461) afirmaram que não foram diagnosticados com COVID-19 e 0.7% (n=3) relatou que testou positivo. Quando perguntados sobre familiares que faleceram em decorrência da doença, 8% (n=37) afirmaram que sim, enquanto 92% (n=427) negaram ter tido perdas familiares relacionadas ao novo coronavírus.

Com relação à situação financeira da família, 56.9% (n=264) afirmaram que continuou igual, 40.7% (n=189) afirmaram que piorou e 2.4% (n=11) consideraram que melhorou. 8.0% (n=37) afirmaram que perderam a fonte de renda, 27.1% (n=126) relataram que um membro da família perdeu a fonte de renda e 64.9 (n=301) negaram perdas com relação à fonte de renda.

Durante a pandemia, quando perguntados sobre a necessidade de apoio, 66.6% (n=309) afirmaram contar com a família, 25.7% (n=119) com amigos, 1.3% (n=6) com colega de curso, 0.8% (n=4) com conselho espiritual e 5.6% (n=26) relataram que não contaram com apoio de ninguém quando necessitaram.

**DISCUSSÃO**

A partir do exposto nos resultados, observou-se que a proporção dos participantes do presente estudo se aproxima do que foi visualizado em um estudo canadense8 no qual 74% dos 733 participantes foram do sexo feminino, 25% do sexo masculino e 1% outros. Aproxima-se também de um estudo português1 que teve duas amostras de participantes e, em ambas, o perfil demográfico se manteve semelhante ao da Tabela 1: 81,4% do sexo feminino na amostra 1 e 77,4% do sexo feminino na amostra 2. O mesmo vale para um estudo de Zurique9 que, com um N = 12.429, teve 70% de participantes do sexo feminino.

Em relação à média de idade, percebeu-se que se manteve também em outros estudos, nos quais foram identificadas médias como 20,14 anos (DP = 1,65, variação = 18-25) e 20,40 anos (DP = 1,67, variação = 18-25)1, 21,4±3,39 (min =17; máx.=52)10, 25 anos (IQR 23-28)9 e 20,7 (DP 1,7)5. Já a respeito da cor autodeclarada, vê-se que o presente estudo vai de encontro ao estudo de Nova Jersey4, por exemplo, em que 63% dos participantes eram não brancos.

Uma temática bastante pertinente a ser discutida é o rendimento familiar. 570 participantes (73,5 %) de um estudo indiano10 relataram que sua família tinha um rendimento estável e 205 (26,5 %) que sua família não o tinha.

A questão financeira também esteve presente num estudo asiático11 em que os estudantes de escolas públicas se preocupavam com a diminuição da renda familiar, que impossibilitou a aquisição de bons pacotes de internet. Já os estudantes de universidades privadas passaram pela necessidade de realizar o trancamento dos cursos, sem perspectiva de retorno, em função da modificação monetária de suas famílias.

Percebe-se que houve uma grande variedade em relação aos cursos e áreas. Em outros estudos 5, 9, 12, 13, 14, isso se relacionou, muitas vezes, com a faculdade que instituiu a pesquisa. Em um estudo Chinês15, observou-se que as áreas mais representadas foram as de Engenharia (n = 565, 29,74%), Artes Liberais (n = 261, 13,74%) e Agricultura e Ciências da Vida (n = 189, 9,95%).

Em relação ao aproveitamento e às dificuldades do ensino remoto, em um estudo estadunidense5, grande parte dos participantes (89%) teve dificuldades para se concentrar no trabalho acadêmico em virtude das distrações no ambiente domiciliar. Além disso, 46% referiram que sua casa remete a um ambiente de descanso, não de estudos.

Um dos fatores que mais contribuíram para o estresse acadêmico, de acordo com um estudo chinês14, foi a transição abrupta e a manutenção das aulas online, associadas a preocupações com o progresso acadêmico e planos futuros.

Isso foi corroborado por outro estudo chinês5 em que a maioria dos participantes (89%) considerou a transição para as aulas online o maior desafio, apontando preocupações relacionadas à qualidade das aulas, aos problemas técnicos, à aplicação de provas online e à dificuldade de aprendizado.

As dificuldades relacionadas à vida acadêmica, como a falta de concentração nas atividades e na aprendizagem, foram associadas ao aumento dos níveis de medidas de somatização da saúde mental4.

Ademais, visualizou-se em um estudo de Bangladesh11 que alguns participantes referiram questões técnicas (falta de energia, diminuição da velocidade de internet) e falta de dispositivos eletrônicos para as aulas no ambiente virtual. Problemas físicos como cansaço, dores de cabeça, dores nas costas, cansaço visual e dor de ouvido também foram mencionados.

O distanciamento e o isolamento social foram as primeiras recomendações globais no enfrentamento da infecção pela COVID-19, despertando, em toda sociedade civil, sentimentos de solidão, medo e ansiedade generalizada. Isso junto com o temor ocasionado pela alta taxa de transmissão viral em decorrência da rapidez, da invisibilidade e da morbimortalidade da COVID-19. Também houve desafios psicossociais, incluindo estigmatização e discriminação de pessoas infectadas2.

Esses aspectos negativos das medidas de distanciamento e isolamento social apresentarão, a longo prazo, sequelas de saúde mental em populações mais jovens, visto que se tratam de eventos desagradáveis e desconhecidos para muitos que experimentaram, durante o período isolado, distúrbios agudos como irritabilidade, insônia, angústia emocional, transtornos do humor, sintomas depressivos, medo e pânico, ansiedade e estresse em consequência de preocupações financeiras, frustração e tédio, solidão, falta de suprimentos, medicamentos, restrição de atividades diárias de rotina e redução, ou até mesmo ausência total, de comunicação2.

 O isolamento social afeta o comportamento e, a saúde mental, elevando os níveis de ansiedade, estresse e depressão, sendo difícil não se deixar conduzir por gatilhos emocionais postos pela mídia através do bombardeio de notícias ruins acerca da situação no Brasil e no mundo16.

Por se tratar de uma população jovem, é possível identificar que o acesso a informações em tempo real, associado à restrição do contato com familiares e amigos, contribuiu para intensificar os sentimentos negativos. O isolamento, para jovens universitários, traz mais prejuízos do que se imagina. Além de provocar fragilidades na saúde mental em decorrência do afastamento de pessoas próximas também pode interferir na qualidade do sono16.

É possível que o isolamento possa causar outros problemas de saúde, tendo em conta a relação bidirecional entre insônia e ansiedade, insônia e depressão2.

A internet se mostrou uma grande aliada na construção e na manutenção de afetos, apesar de não poder sanar completamente emoções e sentimentos ligados às relações. Foi um recurso adotado para atenuar momentos em que todos estavam isolados, uma ferramenta útil não só para manter as pessoas conectadas, de alguma forma, a familiares e amigos, mas também para realizar atividades acadêmicas e ter informações pelos meios oficiais16.

A rede de apoio se mostrou positiva para os estudantes, pois puderam contar com a família e amigos para ressignificar sentimentos e, até mesmo, amenizar a dor – o que requer ajuste e adaptação à nova condição16.

A necessidade de um apoio espiritual também esteve presente na pesquisa, o que indica que a fé se mostrou uma estratégia protetiva individual e coletiva, sendo identificada entre apenas 0,8% (n= 4) dos entrevistados. A espiritualidade e a religiosidade foram recursos para fortalecer e superar esse momento de pandemia17.

A pandemia de COVID-19 agravou a crise econômica que já havia no Brasil. O desemprego e o aumento da pobreza indicam uma dramática realidade, com implicações físicas relacionadas ao estresse e a outros problemas de saúde.

Um estudo espanhol18 sinaliza que as dificuldades de acesso à saúde em populações carentes (por exemplo, com baixa renda ou sem seguro de saúde) têm sido apontadas no contexto da pandemia não apenas em países de baixa e média renda, mas também em países de alta renda.

Nos dados da presente pesquisa, é possível constatar que o número de participantes cuja renda familiar ficou comprometida pela perda da fonte de renda diminuiu. Esse dado é importante porque indica que quem sofreu com essa crise instaurada pela pandemia representa a menor parcela.

O desemprego pode gerar sintomas físicos e psíquicos que, a longo prazo, dependendo tanto da situação específica do sujeito quanto do contexto econômico, cultural e social pode suscitar patologias, como, por exemplo, o alcoolismo19.

**CONCLUSÃO**

A partir dos resultados encontrados, evidenciou-se que algumas variáveis sociodemográficas, como sexo, idade, renda familiar, distanciamento e isolamento social e rede de apoio, relacionadas ao ensino remoto interferiram na saúde mental dos estudantes universitários.

O distanciamento social e o isolamento durante a pandemia foram fundamentais para o controle da infecção pela COVID-19, porém, apresentaram um fator negativo – piora da situação financeira e outro positivo – adaptação dos estudantes às novas abordagens para a continuidade do ensino na modalidade remota.

O desenvolvimento de estudos sobre esse tema visa a contribuir com a prática de docentes e gestores das universidades, bem como qualificar o cuidado aos estudantes universitários com o intuito de diminuir os impactos da pandemia de COVID-19. Isso justifica sua relevância científica e social em tempos de restrições sociais e modificações nos modos de ensino.

Pode ser considerada uma limitação deste estudo o fato de ser descritivo, o que aponta a necessidade de estudos analíticos que possam discutir o impacto dessas variáveis na vida dos estudantes.

**FINANCIAMENTO**

A pesquisa não teve fontes de financiamento.

**AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de pós-graduação (nível doutorado) a uma das autoras do manuscrito.

**REFERÊNCIAS**

1 Maia BR, Dias PC. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de Psicologia. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 37. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067.

2 Bezerra CB, et al. Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de COVID-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. Saúde e Sociedade. [Internet]. 2020 [acesso em 05 abr 2021]; 29(4). Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412.

3 Scorsolini-Comin F, Melo LP, Rossato L, Gaia RSP. Educação a distância na formação em enfermagem: reflexões sobre a pandemia da COVID-19. Revista Baiana de Enfermagem. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 34. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v34.36929>.

4 Kecojevic A, Basch CH, Sullivan M, Davi NK. The impact of the COVID-19 epidemic on mental health of undergraduate students in New Jersey, cross-sectional study. PLoS ONE. [Internet]. 2020 [acesso em 05 abr 2021]; 15(9). Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0239696.

5 Son C, Hegde S, Smith A, Wang X, Sasangohar F. Effects of COVID-19 on College Students' Mental Health in the United States: Interview Survey Study. Journal of medical Internet research. [Internet]. 2020 [acesso em 05 abr 2021]; 22(9). Disponível em: http://dx.doi.org/[10.2196/21279](https://doi.org/10.2196/21279).

6 Ornell, F, et al. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. Brazilian Journal Of Psychiatry. [Internet]. 2020 [acesso em 05 abr 2021]; 42(3). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>.

7 Osti A, Pontes Júnior JAF, Almeida LS. O comprometimento acadêmico no contexto da pandemia da COVID-19 em estudantes brasileiros do Ensino Superior. Revista Prâksis. [Internet]. 2021 [acesso em 05 abr 2021]; 3. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2676>.

8 Hamza CA, Ewing L, Heath NL, Goldstein AL. When social isolation is not new: a longitudinal study on university suffering with and without preexisting mental health problems. Psychologie canadienne. [Internet]. 2020 [acesso em 05 abr 2021]; 62(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/cap0000255>.

9 Dratva J, Zysset A, Schlatter N, von Wyl A, Huber M, Volken T. Swiss University Students’ Risk Perception and General Anxiety during the COVID-19 Pandemic. International Journal of Environmental Research and Public Health. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 17(20). Disponível em: http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17207433.

10 Sengul H, Bulut A, Coşkun S. Psychological effect of COVID-19 pandemic on university students in Turkey. Annals of Clinical and Analytical Medicine. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 11(6). Disponível em: http://dx.doi.org/10.4328/ACAM.20358.

11 Dutta S, Smita M. The Impact of COVID-19 Pandemic on Terciary Education in Bangladesh: Students 'Perspectives. Open Journal of Social Sciences. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 8. Disponível em: http://dx.doi.org/10.4236/jss.2020.89004.

12 Bijulakshmi P, et al. Psychological Impact of COVID-19 on the Amount of Perceived Stress among College Students Studying across Various Streams in India during the Period of Lockdown. Journal of Evolution of Medical and Dental Sciences. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 9(39). Disponível em: http://dx.doi.org/10.14260/jemds/2020/632.

13 Islam MA, Barna SD, Raihan H, Khan MNA, Hossain MT. Depression and anxiety among university students during the COVID-19 pandemic in Bangladesh: A web-based cross-sectional survey. Plos One. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 15(8). Disponível em: https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0238162.

14 Bijulakshmi P, Ramasubramanian V, Mathumathi, et al. Psychological impact of COVID 19 on the amount of perceived stress among college students studying across various streams in India during the period of lockdown. J Evolution Med Dent Sci. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 9(39). Disponível em: https://doi.org/10.14260/jemds/2020/632.

15 Wang C, Zhao H. The Impact of COVID-19 on Anxiety in Chinese University Students. Frontiers in Psychology. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 11. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01168>.

16 Nascimento EF, et al. University youth and social isolation in the COVID-19 pandemic: Employment, Sociability and Family. Research, Society and Development. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 9(12). Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i12.10995>.

17 Porreca W. Espiritualidade/Religiosidade: possíveis companhias nos desafios pandêmicos - COVID-19. Caderno de Administração. [Internet]. 2020 [acesso em 04 abr 2021]; 28. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53632>.

18 Baena-Díez JM, Barroso M, Cordeiro-Coelho SI, Díaz JL, Grau M. Impact of COVID-19 outbreak by income: hitting hardest the most deprived. J Public Health (Oxf) [Internet]. 2020 nov [acesso em 04 abr 2021]; 42(4):698-703. Disponível em: https://doi.org /10.1093/pubmed/fdaa136.

19 Silva TJA, Pacheco TP. As consequências psicossociais do desemprego. Revista Ciência Amazônida. [Internet]. 2017 [acesso em 06 abr 2021]; 1(2). Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/amazonida/article/view/2997/2554.